

# PENSAR

## FICÇÃO

# O sabor da modernidade

» VALF

A situação era bem clara. Arsène Lupin, que, por ironia do destino, havia se tornado a vítima e sido roubado, teria a qualquer custo que recobrar sua carteira. Dentro dela, uma série de documentos, como o nome de correspondentes e planos de futuros roubos.

O larápio com a carteira de Lupin se encontrava em um trem, rumo à estação de Montérolier-Buchy, onde chegando, poderia fazer a baldeação para outros quatro destinos, e assim desaparecer. Arsène Lupin teria que correr como nunca contra o tempo. Em seu carro, um Moreau-Lepton de 35 cavalos, fazia contas entre a distância da estação e o horário previsto da chegada do trem e seguia firme, pressionando seu pé direito até o assoalho do bólido.

Em uma bela passagem do livro, o autor descreve a interação da máquina com o protagonista de maneira quase simbiótica, mostrando suas respostas mecânicas ao propósito do condutor e como, após emparelhar e travar

uma feroz e vertiginosa batalha contra a locomotiva, Lupin vence o duelo e chega à frente. Ele estava a 72km/h.

*Arsène Lupin, o ladrão de casaca* compila as primeiras nove histórias do célebre ladrão francês. Originalmente publicadas na revista *Je sais tout* entre os anos de 1905 e 1907, Lupin foi uma encomenda do editor da

revista, Pierre Lafitte, ao amigo, escritor e jornalista Maurice Leblanc (1864-1941). O personagem deveria ser, de certa forma, uma refinada versão francesa, misto da perspicácia de Sherlock Holmes, de Arthur Conan Doyle, e do ladrão inglês A. J. Raffles, criado pelo cunhado de Doyle, E. W. Hornung. A princípio,

concebido como história única, o êxito fez com que Leblanc seguisse adiante com as aventuras de Lupin, o que renderia mais de 20 livros, quatro peças teatrais e vários filmes.

Um anti-herói requintado e audacioso, mestre na arte do disfarce e lutador de artes marciais, Lupin utiliza seus recursos de planejamento, sedução e raciocínio

como principais ferramentas para aplicar seus golpes. Bon vivant, além do dinheiro, busca notoriedade. Por vezes, doa o fruto de seus furtos. Não, claro, sem antes mandar aos jornais a resenha de suas façanhas e a demonstração de sua benevolência.

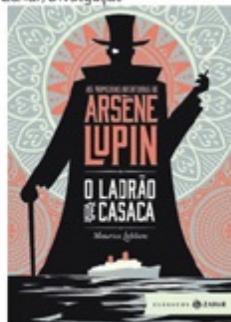
Sem oferecer detalhes sobre as descrições físicas de Lupin, o escritor trás o leitor para próximo do desconforto das

vítimas, mantendo o clima de mistério com um interessante recurso narrativo. As histórias são narradas tanto pelo autor, quanto por um cronista ou mesmo pelo próprio Lupin.

Filho da virada dos séculos 19 e 20, Lupin habita um curioso e efervescente cenário descrito por Leblanc. As mudanças ocorriam de maneira cada vez maior, com os resquícios de uma época passada dando lugar aos ventos da modernidade.

Mas é o novo, neste princípio de século, que fascina. O veloz carro vence em batalha a centenária locomotiva a vapor. A máquina fotográfica, em dimensões diminutas para a época, faz parte do cotidiano. O telégrafo sem fio, de maneira misteriosamente insondável, consegue enviar uma mensagem para um navio no meio do Oceano Atlântico e, por pouco, não entrega o disfarce de Lupin. Maurice Leblanc, de forma apaixonada, parece se render a isto tudo e constrói um libelo contra uma burguesia embolorada, vítima preferida de quem chegou a ser chamado de Robin Hood da Belle Époque.

Zahar/Divulgação



### O LADRÃO DE CASACA - AS PRIMEIRAS AVENTURAS DE ARSÈNE LUPIN

De Maurice Leblanc.  
Zahar. 272 páginas.  
R\$ 29,90 (livro) e R\$ 14,90  
(e-book)